



AMADOS NO SENHOR
Carta Pastoral
Aos Sacerdotes da Diocese de Santo André

Dom Pedro Carlos Cipollini
Bispo Diocesano de Santo André - SP

Introdução

Em nome de Jesus, prezados presbíteros, desejo a todos, paz e alegria, frutos do Espírito Santo que vos chamou e ungiu para o ministério sacerdotal na Igreja. O sacerdote é o amor do coração de Jesus como se expressava o Cura d 'Ars

Respeitosamente peço licença para dirigir-me a vocês, amados no Senhor. Com Santo Agostinho digo: meus **irmãos** - porque com vocês sou cristão, filhos - porque para vocês sou bispo. Minha intenção ao escrever-vos nesta data em que celebramos a instituição do sacerdócio é exortar cada um de vocês dizendo: *“Reaviva o dom de Deus que há em ti”* (2Tm 1,6).

Dirijo-me a vocês, meus colaboradores no ministério, para colocar algumas questões que julgo importantes para vossa consideração, a fim de crescermos na união e fraternidade que nos faz ser um Presbitério a serviço do povo de Deus. Sim, *“o ministério ordenado tem forma comunitária radical e pode apenas ser assumido como obra coletiva”* (S. João Paulo II, PDV 17). Por isso dirijo-me a cada um em particular e ao Presbitério como um todo.

Quando assumi a Diocese em 26 de junho de 2015, iniciei um processo de conhecimento de tudo e de todos, através de

visitas e encontros, com o clero e os fiéis, nas paróquias que visitei; Fiz visitas paroquiais nas 99 paróquias, concluídas em dezembro. Os encontros com vocês na residência episcopal, para tomar café ou almoçar, foram momentos únicos de fraternidade, conhecimento e discussão sobre a realidade de nossa Igreja. Pude ouvir e falar de perto com 97% do clero que trabalha exercendo o ministério em nossa Diocese. Agradeço muito a adesão de vocês nestes momentos especiais para mim.

Desejo, pois através desta carta, compartilhar algumas reflexões e conclusões feitas a partir dos nossos diálogos. O que escrevo nesta carta tem como finalidade encorajar a todos vocês, que trabalham numa realidade urbana complexa e repleta de desafios. Desejo dizer a cada um que não tenham medo, não desanimem e nem se isolem: “Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza” (2Cor 12,9).

Também peço que, naquilo que segue, vejam meu desejo de mostrar minha preocupação com cada sacerdote, cada situação e com nosso Presbitério. Tenho por mim que: se o Presbitério vai bem o restante da Diocese também irá. São os padres, diocesanos e religiosos, que levam avante a coordenação de inúmeras tarefas desenvolvidas pelo laicato.

E ainda, peço que considerem o dever que me tange: *“Por causa da comunhão no mesmo sacerdócio e ministério, os Bispos tenham os presbíteros em conta de irmãos e amigos e, na medida de suas forças, tomem a peito o bem deles, tanto o material, quanto, sobretudo o espiritual. Pois é em primeiro lugar sobre os bispos que recai o grave dever de santidade de seus sacerdotes: consagrem pois o maior cuidado ao aprimoramento contínuo do Presbitério”* (Vaticano II in PO n. 7).

Por tudo isso, ocorreu-me dirigir-vos uma carta, que podemos chamar de pastoral, dado que a *Pastoral Presbiteral* é

hoje uma meta para todos nós e uma necessidade, especialmente para nós, que temos um presbitério numeroso, e uma diocese que conta dois milhões e setecentos mil habitantes. Gostaria de escrever com a tinta do coração (2Cor 3,3) pois tenho dedicado grande parte de meu tempo e preocupações aos presbíteros, desde que aqui cheguei.

Enfim, peço que recebam esta carta como fruto de meu desejo de estar em contato, em comunhão com vocês, buscando viver a *“verdade na caridade”* (Ef 4,15), como nos propusemos fazer na primeira reunião do clero que realizamos quando de minha chegada na Diocese.

Somos na Diocese de Santo André 109 sacerdotes diocesanos, entre eles 14 eméritos, 7 incardinados não residentes, 5 de outras dioceses mas residentes. São 63 padres religiosos. Num total de 172 sacerdotes.

1. Uma vocação para toda a vida

Foi o Senhor quem chamou cada um ao ministério. Este chamado misterioso, teve início no encontro com uma pessoa: *Jesus!* É ele que chama quem ele quer: você foi escolhido! Que privilégio! Este chamado exige uma resposta e você a está dando todos os dias, a partir de seu sim inicial, que teve no dia da Ordenação Sacerdotal seu ponto alto. A partir daí, não tem mais volta, pois, o selo do amor de Cristo foi colocado sobre seu coração. É necessário agora perseverar neste sim. Sim que nem sempre é fácil de ser renovado a cada dia.

O que deve manter acesa a chama do sacerdócio é a consciência de saber-se amado, escolhido e enviado por Jesus. A convicção de saber-se amado com um amor incondicional, por

aquele que te chamou, vai lhe dar forças para vencer todos os obstáculos. E não são poucos os que aparecem na vida do presbítero. Esta é a grande luz que sustenta e dá coragem ao ministério presbiteral: saber-se amado tanto na sua fraqueza como na sua força, amado com amor incondicional por Jesus, o Pastor dos Pastores.

Tornar-se sacerdote não é primeiramente uma escolha sua, mas de Deus. Deus não só está na origem do amor, mas, em Jesus Cristo ele convida a imitar seu modo de amar: “Assim como eu vos amei, amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34). Se o padre é o amor do coração de Jesus, na expressão do Cura d’Ars, ele também vai se tornando amor, a exemplo de Jesus que tendo amado amou até o fim. **É grande a dignidade do sacerdote!**

Escolher o caminho do amor cristão ensina muitas coisas: que nada acontece por acaso, que as adversidades somente te tornam mais forte, que não há alegria sem dificuldades, que não existe problema que do ponto de vista da fé não seja uma dádiva de Deus, que nascemos para servir, pois, só quem serve atinge o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo.

Trilhar o caminho do amor é uma escolha, é uma luta contra o egoísmo. Neste caminho encontram-se sombras e isto é doloroso. As sombras que obscurecem o amor são: busca do poder, segurança e fama (cf Mt 4,1-11). Jesus diz que seu Reino é Reino de amor, não é lugar onde o poder é domínio e as pessoas competem entre si.

O requisito solene para o ingresso no Reino de Deus é a escolha do amor como “princípio de vida”. Existe somente uma insígnia de identificação se alguém está no caminho certo: “Todos saberão se sois meus discípulos, se vos amardes como eu vos amei” (Jo 13,35). Se não podes aceitar viver o amor-serviço – disse Jesus a Pedro, “não podes ser meu parceiro/discípulo”. O

único poder no Reino de Deus é o poder do amor-serviço. Ou você serve à comunidade ou se serve dela, não há meio termo.

A vocação sacerdotal é vocação para amar e ser mestre do amor para a comunidade. Ensinar as pessoas, como fez Jesus, a escolher o princípio do amor ao invés do princípio do prazer ou o princípio da fama ou do poder como modo de vida. Quem está repleto de amor está protegido contra as turbulências da vida.

Aqui é interessante considerar que aquilo que é válido para os casais é válido para o padre: deixar pai e mãe para unir-se à esposa. Na vocação matrimonial a esposa é uma mulher. Na vocação sacerdotal a esposa é a mesma de Cristo: a Igreja, a comunidade de fé: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” (Ef. 5,25).

Precisamos estar disponível para viver plenamente a vocação ao amor, como sacerdote que livremente aceitou o celibato e se preparou para assumi-lo. Por que? Para ter um coração indiviso no serviço ao Reino de Deus a exemplo de Jesus. O celibato assumido e vivido é prova de um amor maior.

Segundo especialistas, há entre os presbíteros uma crise ao perceber a imensidão da tarefa e as poucas forças para realizá-la. Esta crise é maior que a crise da identidade sacerdotal que às vezes se faz presente na vida do padre. Muitas vezes você fica perdido diante dos desafios e acha que não faz nada. Sem a certeza de saber-se amado, o padre cai no desânimo, no desgosto e na tristeza. Tenha fé neste amor incondicional de Jesus por você. Ele contenta-se se você dá o que pode, Ele fará o que faltar. Não desista de lutar ao constatar sua pequenez: “É quando sou fraco que, então é que sou forte” (2Cor 12,10).

2. Ministério da presença: outro Cristo

Meu caro padre, hoje há uma busca extraordinária da figura do padre como artista, cantor, liturgista, *showman*, alguém que sobressai em alguma arte ou especialidade. É de se perguntar: o que o padre pode oferecer, que outras pessoas que não tem a sua vocação poderão fazer? Qual a “virtude”, força, que deve sobressair no padre? O que deve ser mais evidente e o que as pessoas procuram somente nele? É Jesus. O sacerdote é representante de Cristo!

Desta maneira o “*ministério da presença*” é o que distingue o padre. Estar presente, ser presença de Jesus para a comunidade. Estar presente na comunidade, no meio do povo, “*ter cheiro de ovelha*” como recomenda o Papa Francisco. Estando presente o padre pode acolher. Hoje se fala muito em acolhida. Uma das ações pastorais que estão presentes em quase todos os planos de pastorais ultimamente é a prioridade da acolhida. Acolhida feita não somente pelos fiéis leigos, mas também e sobretudo, pelo sacerdote. Acolher bem é evangelizar, a misericórdia começa com a acolhida e a escuta, principalmente quando se trata de ministrar o sacramento da reconciliação.

Somente o acolhimento permite que passemos de uma fé sociológica para uma fé mais personalizada e responsável, na linha da “teologia da encarnação”, como dizem os pastoralistas. A acolhida permite iniciar um novo modo de transmitir a fé através da iniciação cristã, na qual todos tem parte importante. Mas é necessária a presença que acolhe, a disponibilidade que recebe o outro, o estar à disposição.

Começa com a acolhida, a transformação das paróquias em comunidades cristãs capazes de iniciar na fé os que buscam conhecer Jesus. O acolhimento é o início da transformação da paróquia de manutenção para uma paróquia missionária.

Na verdade nosso grande desafio está na capacidade de passar de uma pastoral de manutenção para uma pastoral missionária, e o primeiro passo é a acolhida.

Temos de acolher o dom de Deus em condições novas e encontrarmos o gesto inicial da evangelização que é acolher. Para acolher é preciso estar presente, ter tempo. E então nos vem a pergunta: quantos de nós estamos presentes além do momento do culto? Como podem nos encontrar? Qual seu potencial de disponibilidade? Quando dizemos na missa: O Senhor esteja convosco, talvez não percebamos o quanto o povo vê a presença de Cristo através da presença do padre que preside.

Somos poucos padres em nossa Diocese e o trabalho é grande, muitos tem de fazer o trabalho de dois ou mais. Então é aqui que entra a força do amor de Cristo que nos impele. As palavras de Jesus nos soam questionadoras: “A quem muito foi dado muito será pedido” (Lc 12,48). Somos convidados a ter os mesmos sentimentos de Jesus Cristo presente no meio do povo: “Tenho pena deste povo que anda como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

É o ministério da presença que nos faz mergulhar na vida das pessoas, nas alegrias e crises da vida do povo. O fato de estar presente **na paróquia**, de ouvir, afeta profundamente e configura a oração e pregação do sacerdote. Sem o hábito santo de ouvir, sem o ministério da presença, a vida espiritual vai ficando superficial. O padre que não está presente aos irmãos, não consegue estar presente para Deus, quem não acolhe os irmãos não saberá acolher a Deus.

Andando em nossas periferias vemos como cresce o número de várias denominações religiosas. É possível perguntar: É o povo que está abandonando a Igreja ou é a Igreja que está

abandonando o povo? Onde os padres e os agentes de pastoral não se fazem presentes, outros se farão a fim de conquistar o rebanho.

Convido cada um a examinar diante de Jesus Bom pastor, sobre o tempo destinado a ser presença para o povo de nossas comunidades, e pedir a ele que abençoe este tempo valioso que o torna presente. O sacerdote é um “sacramento” da presença de Cristo. Aí está sua grandeza e beleza, mas também sua entrega sacrificial (cf. Mt 8,20).

Você meu caro padre, desta forma pode ser uma vela que se gasta queimando cada dia, e isto é sacrificado, mas não se esqueça que é assim que a vela ilumina, é assim que a luz se faz para muitas pessoas. É nesta dinâmica pascal de morrer para si a fim de que os outros tenham vida, que se manifesta a paternidade verdadeira que faz do padre uma imagem perfeita de Cristo o bom pastor.

Quando um sacerdote não é pai de sua comunidade, ele se torna triste. “A raiz da tristeza na vida pastoral consiste precisamente na falta de paternidade a qual gera a fecundidade que é motivo de alegria” (Papa Francisco aos Seminaristas em 6.07.2013)

3. O que mais se espera do padre?

O desejo de corresponder ao amor de Cristo faz do padre um homem de Deus. O que o povo espera do padre a não ser isso? Isto mais que perfeição, exige determinação: Deus mais que vitórias, fica contente com a tua luta constante para estar unido a ele. Luta constante para viver um amor constante. Há

necessidade de você caro padre, cultivar uma forte espiritualidade.

E aqui é necessário valorizar a vida espiritual. A vida espiritual favorece o crescimento no amor e conseqüentemente a realização no ministério, do contrário tudo será pesado e enfadonho. Nos momentos de desânimo e incerteza, de onde vem a força? Da vida espiritual bem cultivada.

A espiritualidade nunca se encontra somente na teoria, pois ela é também um comportamento. A espiritualidade nos dá forças, quando constatamos que não tem as respostas diante de muitas situações absurdas com as quais o padre tem de lidar.

O 6º ENP (1996) cujo tema foi: *O presbítero: missionário, profeta e pastor no mundo urbano*, recomenda aos presbíteros que trabalham nas nossas cidades que é necessário “*estar em Deus com Cristo*”. Todo e qualquer momento da vida do padre deve ser vivido em Cristo como diz São Paulo (cf. 1Cor 10,31). Mas o momento específico e indispensável para adquirir consciência desse estar em Deus é a oração. O próprio Jesus é modelo de oração para o presbítero.

É a partir da experiência pessoal de comunhão pessoal com Deus que o presbítero poderá agir como missionário no ambiente urbano. O padre assim não viverá para si próprio (2Cor 5,15), não é mais ele que vive, mas é Cristo que vive nele. O padre que tem espiritualidade vive para Deus em Cristo Jesus (cf. Rm 6,11; 1Cor 15,22; Ef 4,18; 2Tm 1,1, Tt 2,12).

A vida espiritual bem cultivada faz com que o padre viva sua vocação não como peso deprimente e estressante. Sem este diálogo constante com Cristo perde-se o amigo, perde-se o Mestre. Passa-se então a mostrar-se constantemente “oprimido” por sua vocação, mostra a dificuldade de assumir o que é essencial na sua vocação: a união com Cristo!

Aqui permitam-me lembrar a importância para o crescimento espiritual dos presbíteros, como Presbitério, a participação de cada um nos momentos de oração e celebração a que somos convidados e convocados como Presbitério. Mormente o Retiro Espiritual Anual do Clero. Sua participação não deve ser uma obrigação como de fato o é, mas uma alegria!

A união e a fraternidade deve nortear nossa inserção no Presbitério. O Retiro Espiritual do Clero é um compromisso e uma oportunidade de rezar juntos como Presbitério. Este ano será em Itaici de 27 a 30 de setembro, dirigido por Dom Armando Busciol, Bispo de Livramento - BA. O Retiro Espiritual do Clero de 2017 será também em Itaici de 26 a 29 de setembro sendo o pregador o Sr. Cardeal Claudio Hummes.

Lembre-se que o padre tem sua vida espiritual centrada na Palavra e sobretudo na Eucaristia, por isso, ele pode ser ao mesmo tempo o servidor e o anfitrião da vida de oração da comunidade. O coração e a alma da espiritualidade presbiteral permanece sendo a Eucaristia.

4. Sacerdote e Profeta: a mesma missão

Alguém dizia que seria bom se de tempo em tempo, cada presbítero fizesse uma revisão de vida sobre as promessas sacerdotais que fez na sua Ordenação diaconal e sacerdotal, diante da Assembléia dos fiéis, do Presbitério e do Bispo. Elas tem validade por toda vida, cada dia da vida. Nossa época se assusta com os compromissos definitivos que devem durar por toda a vida. Mas não desanime, recorde-se do que o Senhor disse a Paulo: *“O Espírito vem em socorro de nossa fraqueza...intercede por nós”* (Rm 8,26).

A primeira pergunta à qual você respondeu afirmativamente foi sobre o ministério da Palavra. Amar a Palavra de Deus e meditá-la continuamente é a tarefa primordial do presbítero, para que ele possa dizer como S. Pedro: “Em atenção à tua palavra lançarei as redes” (Lc 5,5).

Ser o homem da Palavra, o mistagogo da comunidade, o que sabe introduzir a comunidade nos mistério da Revelação, eis a nobre missão do Presbítero. Ler e meditar continuamente a Palavra de Deus para transformá-la em fé viva, ensinar o que crê e realizar o que ensina.

O padre é o homem da palavra, do profetismo. A Palavra de Deus sustenta o profeta. Faz dele profeta do Reino, não profeta de uma instituição ou de uma causa ou ideologia. Exorto-o para que as homilias sejam feitas com preparo e amor e que possam falar de coração a coração.

O presbítero é consagrado para consagrar, santificado para santificar. Através das celebrações dos sacramentos, não só você em Cristo e por Cristo santifica o povo de Deus, mas é também santificado. A celebração dos sacramentos em especial a Confissão e a Eucaristia, devem ser ponto alto de seu ministério. Palavra e Sacramentos, profecia e santidade são apanágios do Reino de Deus.

É em vista do Reino de Deus que você fez seu voto de celibato, que somente pode ser mantido à luz e ao calor do fogo da Palavra profética em vista do Reino e do Senhor do Reino que o conquistou.

É necessário presidir a Eucaristia e não descuidar desta feliz obrigação. Perdendo o entusiasmo de celebrar para o povo de Deus se perderá o padre, por fim tanto o povo como o próprio Deus. O peso da solidão do padre, dizem alguns, está sempre ligado à falta de entusiasmo por celebrar a Eucaristia. Deve-se

ter os horários de missa da comunidade que não podem variar, ao sabor do desejo do padre ou grupos; nem substituir a celebração Eucarística por celebração da Palavra por qualquer motivo.

Celebre o santo sacrifício da Eucaristia não poupe sacrifício para celebrar com sua comunidade. Agradeço e louvo a Deus por sua dedicação neste ponto.

O profetismo também faz parte da missão sacerdotal. A opção preferencial pelos pobres é um caminho de conversão ao Reino de Deus. Somos chamados a dar testemunho de solidariedade com os pobres que vivem em nossas paróquias. Isto exige de nós um testemunho de simplicidade e coerência com o Evangelho.

“O Cura d’Ars tinha coragem de denunciar o mal sob todas as suas formas, sem contemporações, porque estava em jogo a salvação eterna de seus fiéis: Se um pastor fica calado ao ver que Deus é ultrajado e as almas se desencaminham, infeliz dele”. (S. João Paulo II, Carta aos Sacerdotes - 1986)

Agora, quero convidar todos vocês presbíteros para o empenho na promoção vocacional. O Senhor da messe envia operários, mas é preciso nossa acolhida, apoio e sustento às vocações. Exorto os padres que acolhem seminaristas para o estágio pastoral, que ajude a forma-lo com a palavra e o exemplo.

Tenho visitado nosso Seminário e dialogado com nossos seminaristas indicando o caminho da comunhão e participação no Presbitério e através dele na Diocese.

Como seria bom se cada padre pudesse se empenhar e ajudar a formar outro padre, que futuramente quando ele não estivesse mais aqui pudesse continuar sua missão. Um sacerdote que é feliz sempre procurará um meio para que outros também

trilhem seu caminho. Conto com cada um de vocês para promovermos a Pastoral Vocacional e darmos apoio ao Serviço de Animação Vocacional (SAV).

5. Caridade Pastoral nosso “carisma”

O amor-serviço do sacerdote é vivido através da caridade pastoral. *OPRESBÍTERO, À IMAGEM DO BOM PASTOR, É CHAMADO A SER HOMEM DE MISERICÓRDIA E COMPAIXÃO, PRÓXIMO A SEU POVO E SERVIDOR DE TODOS, PARTICULARMENTE DOS QUE SOFREM GRANDES NECESSIDADES (Doc. Aparecida n. 198)*

O sacerdote é essencialmente intermediário entre Deus e os homens. Mas o sacerdote, nós sabemos, não é somente para os sacramentos. Na sua função de pastor o sacerdote que se dedica à cura das almas, ao pastoreio – e os padres em especial os diocesanos devem ser pastores por excelência, devem exercer a “caridade pastoral”.

Também os religiosos que embora existam para a vivência do seu carisma específico e não para o ministério paroquial, exercem este ministério devido à carência de padres diocesanos, devem ter a “caridade pastoral”.

Qual é o carisma do padre diocesano? É a caridade pastoral pela qual ele se configura a Jesus Cristo, o Bom Pastor que dá a vida pelo rebanho. A vida do presbítero que vive a caridade pastoral é um contínuo sair de si, um contínuo não se pertencer. É quase impossível exercer a caridade pastoral sem uma atitude de desapego de si, de todos e de tudo, por amor a Cristo.

A caridade pastoral é um amor primário, ou seja, o padre não deve estar subordinado a nenhum outro amor em sua vida,

nem amor de amizade, nem sexual, nem familiar, nem patriótico, nem social, etc

Também é impossível exercer a caridade pastoral sem a obediência. Sem obediência não há caridade pastoral válida, assim como não seria válida a obra de Cristo sem obediência ao Pai. A obediência, para Jesus não era submissão, mas era o modo dele mostrar seu amor ao Pai: “meu alimento é fazer a vontade do Pai” (Jo 4,34). Obediência à sua consciência, a Cristo (e aos que o representam para você) e ao amor que sempre vai convidá-lo a ir além, a fim de não cair na mediocridade.

A caridade pastoral se prova na obediência (ob-audire=prestar ouvidos). Uma experiência em diálogo, em especial quando nos defrontamos com a miséria do próximo, quando se precisa ser transferido de paróquia, quando se defronta com situações ou pessoas difíceis.

A questão das transferências em especial, é assunto delicado e doloroso, mas precisamos assumir a caridade pastoral missionária também neste ponto. Estar disponível para servir à Igreja é uma necessidade que se sobrepõe à vontade própria por amor à causa. Peço a colaboração de todos nesta questão.

A alegria que brota da disponibilidade e gratuidade é o prêmio dos que se colocam nas mãos de Deus para fazer sua vontade. O amor a Deus ocupa o primeiro lugar na ordem dos preceitos, mas o amor ao próximo ocupa o primeiro lugar na ordem da execução (cf. Santo Agostinho, Ev. Ioan. 17,7). Enfim, a caridade pastoral orienta o presbítero a lidar com o povo com bondade, generosidade e consideração.

6. Ser membro do Presbitério é direito e dever

Você sabe que faz parte de um Presbitério desde o dia de tua Ordenação Sacerdotal, deste dia em diante passou a correr em tuas veias o “sangue do Presbitério” de Santo André que, faz de modo com que, todos estejam ligados por uma íntima fraternidade sacramental. Assim, embora cada um se dedique a tarefas diversas, participam do único sacerdócio de Cristo e estão empenhados na mesma tarefa: o pastoreio.

Nosso clero é heterogêneo, mas não façamos disto uma desculpa para não nos unirmos. Isto é um belo desafio que pode ser vencido com a boa vontade de todos. Você não pode se isolar e nem sentir-se isolado: nenhum sacerdote é uma ilha. O Presbitério une cada padre a Cristo e o configura a Ele. Nesta união com Cristo o padre se une aos outros irmãos padres. Só o amor a Cristo pode fazer com que os apóstolos participassem do grupo. Somente o amor a Jesus Cristo pode fazer com que o presbítero esteja unido ao Presbitério.

É ilusão pensar que serás um bom sacerdote somente unido ao povo ou a um determinado grupo. Faltando a união com o Presbitério você tornar-se á um “padre para si mesmo” com e para “sua paróquia” e com “seu modo de fazer as coisas”.

Pode acabar se tornando para grande pesar do povo e da Diocese: papa, bispo e pároco de sua paróquia, não estando ali em nome de Jesus e em unidade com o Bispo e seu Presbitério, mas em seu nome próprio. É sabido que ninguém é ordenado para uma determinada paróquia, mas para uma Igreja Particular, uma Diocese, nossa Diocese.

A missão exige a união e comunicação com e no Presbitério. Diga não ao isolamento, à falta de participação e à apatia. Você deve a si mesmo a participação no Presbitério, aos outros padres e à Igreja Particular à qual pertence. O fato de existirem pessoas, comportamentos e coisas que você não gosta

ou não concorda, não o exime de participar e viver em união com o Presbitério. Nós sabemos que a primeira participação é a presença: fazer-se presente.

É chocante o relato evangélico de Judas que se retira da última ceia. O evangelista diz que ele saiu após ter tomado o bocado de pão e acrescenta: "...era noite" (Jo 13,30b). Isolando-se dos irmãos se encaminha para a noite da traição a Cristo e ao isolamento que mata a vocação apostólica.

É bonito o exemplo do padroeiro dos padres, Cura d'Ars, caminhava a pé vários quilômetros para ir à reunião do clero. Precisamos vencer a indiferença e o individualismo. É preciso ser amigo do povo dos pobres e também dos irmãos do Presbitério.

Neste Ano Santo da Misericórdia que celebramos, permita-me lembrar que nós somos os ministros do perdão e devemos distribuí-lo com generosidade também entre nós no Presbitério. Melhoremos a comunicação ente nós para termos mais comunhão e participação! Do contrário não há convivência possível: "Carregai os fardos uns dos outros..."(Gl 6,2).

O conceito cristão de misericórdia é, portanto a chave da transformação de todo universo em que o pecado ainda parece reinar. Mas a misericórdia terá a última palavra.

O Presbitério não é composto somente de padres diocesanos, mas também dos religiosos, eles suprem a falta dos padres diocesanos, assumindo paróquias com a devida nomeação canônica. Diz o Direito Canônico: A lei suprema é a salvação das almas (*Salute animarum suprema lex*, CDC cân. 1752); Assim o pastoreio e obrigações que ele implica, devem ser assumidos com muita responsabilidade pelos religiosos que assumirem a cura das almas que vem em "primeiro lugar".

Permanece um desafio para nós integrar a riqueza da vida religiosa em nosso presbitério. Os presbíteros religiosos não

podem caminhar isolados, paralelos à vida da Igreja na qual estão, ou deveriam estar integrados (cf. Vaticano II, LG n. 43 - 44). Faço aqui um apelo para que não vivam seu carisma isolando-se da Igreja Particular que os acolhe, mas estejam inseridos nela.

A vida religiosa é um fruto da árvore da Igreja e não pode estar dissociada dela, como que formando um organismo à parte. A Igreja possível é aquela na qual se vive: a Diocese. Este é o “chão eclesial” no qual surgem e devem se desenvolver os carismas.

É preciso pensar e sentir com a Igreja ou seja: evitar censurar tudo o que é novo ou diferente, rejeitar o cinismo diante de uma afirmação ou atitude impopular da hierarquia e desafiar os fiéis a assumirem o patrimônio da tradição e catolicidade da Igreja.

Apelo ainda aos mais de vinte padres diocesanos incardinados em nossa Diocese que vieram da vida religiosa, quer como seminaristas ou já sacerdotes. Que se impregnem do carisma do padre diocesano que é a “caridade pastoral” integrada e comprometida no Presbitério.

Quem assim ainda não fez que faça por favor e amor a nossa Igreja. Não convém tornar-se diocesano e continuar a viver como se fosse religioso, ou nem uma coisa nem outra, fazendo “seu próprio caminho”. Nem a vida religiosa nem o clero diocesano devem ter *free lancer*.

7. Necessidade de engajamento pastoral

Permita-me citar aqui um pensamento do Papa Francisco: “Com frequência surge no caminho uma tentação à qual se deve resistir: a da *normalidade*, de um Pastor para quem é suficiente

uma vida *normal*. Então, esse sacerdote começa a contentar-se de um pouco de atenção recebida, a julgar o ministério com base nos seus sucessos e adaptar-se à busca do que lhe agrada, tornando-se tíbio e sem interesse verdadeiro pelo outro. A *normalidade* para nós, ao contrário, é a santidade pastoral, o dom da vida.” (Ao Pontifício Seminário Lombardo de Roma em 25 de janeiro 2016 in *L’Oss. Rom.* Ed. Port. P. 12/13).

O centro do ensinamento de Jesus é seu ensinamento sobre o Reino de Deus (Mc 1,14-15), a Boa Notícia, o Evangelho de Jesus é sua mensagem sobre o Reinado de Deus o qual é justiça para todos que não tem direito a ter direitos. É o ideal de uma nova sociedade onde todos são irmãos e filhos do Pai do Céu.

O Reino de Deus não é um mero projeto de justiça social, ele ultrapassa tudo isso. O horizonte do trabalho pastoral da Igreja é o Reino de Deus e isto exige do sacerdote uma entrega total e um zelo atuante.

Uma das necessidades urgentes reclamada pela maioria dos presbíteros de nossa Diocese é a necessidade de uma pastoral de Conjunto ou Orgânica que dê um rosto à nossa Igreja Diocesana. Precisamos criar união em torno de um projeto pastoral assumido por todos. Precisamos reavivar o entusiasmo e aceitar os trabalhos em nível diocesano que por acaso vierem a ser solicitados.

Para que a união na pastoral seja feita, precisamos vencer o paroquialismo e o clericalismo. O paroquialismo que não pensa a paróquia no conjunto da diocese, o clericalismo que não consegue trabalhar com o protagonismo dos leigos. Para que isto aconteça é preciso um despertar contínuo para a Pastoral Urbana a qual trabalha com a complexidade da cidade investindo na missionariedade.

Aqui está a necessidade de uma “conversão pastoral” (cf. Doc. de Aparecida n. 365,366,368 e 370), para sermos uma Igreja “em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres” (Papa Francisco in EG n.97).

Precisamos pensar pastoralmente nossa Diocese a partir das periferias. Não somente para seguir o estilo pastoral de Jesus, que iniciou sua missão na Galiléia e chegou por fim à capital Jerusalém, mas também porque a maior parte da população do Grande ABC vive nas periferias.

A caridade pastoral passa também pela partilha. As paróquias mais abastadas podem ajudar as mais carentes através de um projeto de Paróquias Irmãs. Assim poderemos criar redes de solidariedade que promovam a dignidade e a vida.

8. Mundanismo: um engano a ser evitado

Esta vocação sublime e maravilhosa de ser padre, sofre tentações em especial a tentação de se ter uma vida dupla e omissa: “As tentações que procuram ofuscar o primado de Deus e de seu Cristo são ‘legiões’ na vida do pastor: vão da tibieza, que acaba na mediocridade, à busca de uma vida sossegada, que se desvia de renúncias e sacrifícios” (Papa Francisco in Discurso à Ass. Geral da CEI em 19.05.2014).

Você sabe que nossa época se caracteriza pela diminuição de normas e leis que possam dirigir as pessoas. O consumismo faz com que o modelo geral das nossas sociedades seja do *self-service*. Tudo é relativo, cada um escolhe o que lhe convém. Multiplicam-se os “programas independentes” em todos os campos. Estamos em uma sociedade *líquida* (Z. Bauman), na qual tudo o que é sólido se desmancha no ar, em meio a um fantástico progresso especialmente tecnológico, que faz

aumentar de modo vertiginoso as fontes de informação. Não estamos somente na sociedade de produção, mas também na sociedade de sedução.

O individualismo de tom narcisista vai substituindo as ideologias de luta de classes. Existe aversão pela política, pelas causas sociais e todo sistema de sentido, capaz de nortear e dar um sentido à vida (a Igreja p. ex. é mal vista por muitos).

Podemos caracterizar nossa época com estas breves linhas: “O espírito de abnegação está desvalorizado por toda parte enquanto se reforça a paixão do Ego, do bem-estar e da saúde... nós deixamos de nos reconhecer na obrigação de viver para outra coisa se não nós mesmos” (G. Lipovetsky, A era do vazio, 2005,p.197). E então, os mecanismos de fuga, a vertigem do vazio, estão sempre à nossa espreita para atacar.

Diante desta realidade é muito fácil ceder ao mundanismo. O Papa Francisco adverte sobre este perigo que é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem estar pessoal o que é uma maneira sutil de procurar “os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo” (Fl 2, 21); “...já não há ardor evangélico, mas o gozo de uma complacência egocêntrica” (Papa Francisco, EG 93-94). O papa convida a dizer não à nova idolatria do dinheiro (cf. EG n. 55 -56).

Em um coração possuído pelas riquezas não há espaço para a fé e o amor. Quem busca a segurança das riquezas não tem tempo para amar. Compreende-se que ter dinheiro hoje é sinônimo de ter liberdade e direitos e por isso há uma síndrome de acúmulo de bens. Mas o objetivo de uma vocação sacerdotal não pode ser este, este é o caminho da tentação e coloca o padre em um grande perigo.

Nosso povo espera do padre profundidade moral e espiritual também no uso dos recursos materiais, do dinheiro e

dos bens da paróquia que estão sob a administração do sacerdote, sem lhe pertencer, mas pertencendo à comunidade e sob seus cuidados como Pároco ou Administrador.

O padre não pode ser um gestor frio dos recursos humanos e administrativos da paróquia. O respeito aos direitos trabalhistas dos funcionários paroquiais é essencial. Deve ter seu Conselho Administrativo Econômico Paroquial (CAEP) e leva-lo a sério e também o Conselho de Pastoral Paroquial (CPP) a fim de promover a comunhão e participação evitando deste modo cair na tentação do mundanismo. “Ora o que se exige dos administradores é que cada um se mostre fiel” (1Cor 4,2).

Peço que deixem as paróquias sempre em ordem – em especial quando se deixa a paróquia, cuidando para que a administração sob a supervisão do pároco ou administrador paroquial seja eficiente.

Enfim, é necessário pedir a graça de Deus para não se tornar um funcionário do sagrado que a exemplo dos funcionários públicos, exigem muitos direitos com poucos deveres. “Estamos em uma sociedade que presa muito os seus direitos, mas esquece-se dos deveres” (Papa Francisco in Discurso à FAO em Roma 20.11.2014).

A vida de oração, o autoconhecimento, o bom entrosamento com o bispo e os irmãos do Presbitério, ajudam a superar o perigo do mundanismo que esteriliza nosso ministério.

9. Perder-se nos conflitos: perigo da dispersão

Reconheço que a carga de trabalho de um sacerdote hoje é grande e estressante, principalmente no nosso ambiente urbano. É preciso então estar atento para não se perder nos “pantanais

da alma”, nos conflitos do dia a dia que coloca em xeque a resistência psicológica. Em um mundo de conflitos só resistem os homens de grande interioridade.

Muitos de nós nos surpreendemos, pensando em coisas que atijam sentimentos de medo e aflição, voltando a lembrança para os sofrimentos do passado. Ao fazermos isto sofremos novamente. Olhar para o futuro também nem sempre nos ajuda a estar no presente. Alguns podem até ter depressão recordando o passado, mesmo se a situação presente for boa. Nossa tendência de remoer o passado não nos ajuda.

Na verdade nosso verdadeiro lar esta no aqui e agora. Quando estamos ancorados no presente conseguimos vislumbrar o futuro de uma maneira muito melhor. Se souber cuidar do momento presente você estará fazendo o melhor que pode pelo futuro.

Uma das verdades mais consoladoras de nossa fé é a existência da Providência Divina. Se buscarmos o Reino de Deus, não faltará o necessário para viver com dignidade (cf. Lc 12,31). Nossa força deve ser depositada nas promessas de Jesus, nossa confiança nas causas “frágeis” da fé que são a oração, o amor pelos pobres e a amizade fraterna.

Convido-o a reconhecer a realidade de que você, como sacerdote, só encontrará o próprio caminho quando, em seus impulsos, paixões, emoções e aptidões, for cada vez mais envolvido e impregnado pelo Espírito de Deus. A oração, meditação e silêncio são necessários para se recompor cada dia nas mãos de Deus e no equilíbrio interior, sem o qual um sacerdote não consegue agir para ser guardião do sagrado no tempo.

O rito mais importante da ordenação sacerdotal ocorre em silêncio. O bispo coloca as mãos sobre a cabeça do ordenando e

reza, em silêncio, em seguida cada sacerdote também faz o mesmo, rezando em silêncio. O que é decisivo acontece no silêncio. O Espírito Santo atua no silêncio. É preciso saber abstrair dos muitos e variados instrumentos de comunicação que temos hoje e que nos distrai da interioridade que devemos cultivar.

A dispersão e a perda de tempo são perigos que precisamos evitar para termos unidade interior. “A vida do presbítero não pode ser grata nem fecunda, nem autêntica se não alcança, pela ação do Espírito e a nossa colaboração, aquela harmonia entre interioridade e exterioridade, que necessitam uma da outra como a alma e o corpo” (J. Uriarte).

É importante reservar o tempo de um dia de descanso semanal, também o mês de férias (cf. CDC cân. 533 §2). No entanto, dado à falta de padres em nossa diocese, não seria aconselhável que as peregrinações anuais à Europa, que levam párocos como diretores espirituais fossem incluídas como tempo de férias? A opção pelos pobres nos instiga a conformar com a vida da maioria de nosso povo, também nisso.

Em tempo de fragmentação e a prevalência do senso de solidão, precisa-se reavivar a esperança e a confiança, revisitando os momentos do primeiro amor da vida sacerdotal. E aqui podemos concluir que o discernimento é uma ferramenta capital para alcançar a unidade vital em torno da própria vocação e missão.

10. Emeritude

Não poderia deixar de dar uma palavra aos padres eméritos. O sentimento que me vem é de gratidão e ação de

graças. Gratidão pelo trabalho realizado e ação de graças pelo testemunho de perseverança. Que não se sintam inseguros, desprotegidos e sem afeto, mas cobertos com o manto do respeito e reverência.

A realidade do bispo e padre eméritos é muito jovem na Igreja e até agora a questão foi tratada mais no seu aspecto jurídico que o da comunhão. Mas a reflexão vem se desenvolvendo na perspectiva dos sinais dos tempos. Precisamos criar sensibilidade, para acolher com carinho os padres eméritos que são na diocese, depositários de grande experiência e sabedoria.

Os padres eméritos, fazem parte integrante da nossa Igreja, estão em comunhão com ela e são membros do Presbitério, na condição de eméritos: “Eles dão fruto mesmo na velhice, são cheios de seiva e verdejantes para anunciar que Deus é justo” (Sl 92, 15-16).

Como pai na fé que sou para vocês veneráveis filhos e irmãos, ousou propor-vos um lema que fiz meu ao entrar na terceira idade: *“Canta e caminha, não te desvies, não pare nem olhes para trás”* (Santo Agostinho in Sermões, 256,3).

E a todos os padres recordo o dever de se prepararem para a emeritidade com serenidade, a fim de não sofrerem nem causar sofrimentos à Igreja.

Conclusão

Encerrando esta carta não poderia deixar de lembrar o que pediu Jesus ao Pai na Oração Sacerdotal “Não peço que os tire do mundo, mas que os guarde do mal” (Jo 17,15). Que todos estejam vigilantes no aguardo da volta do Senhor que vos confiou seu tesouro e o governo de sua casa (cf. Lc 12,35-38).

Não é o ateu que tem de se justificar hoje, mas é o homem de fé. E aqui recordemos que o Espírito Santo nos fortalece, Ele nos faz compreender o que humanamente é impossível: a sabedoria da cruz!

Permaneçam fiéis à dádiva do cenáculo, ao grande dom da quinta-feira santa. Celebremos sempre com fervor a Santa Eucaristia que é fonte de amor e vida solidária. “O testemunho que temos de dar ao povo de Deus na celebração eucarística, depende muito desta nossa relação pessoal com a Eucaristia” (S. João Paulo II, Carta aos sacerdotes ano 2000).

Na pós-modernidade a palavra cristã já não é crível por seus argumentos, nem por seus conteúdos, mas pelo tipo de vida que gera.

Confio cada um de vocês ao amor e proteção de Maria a Mãe de Jesus que Ele nos deu como nossa mãe (**Jo 19,27**). Ela é para o sacerdote um esteio, uma fortaleza segura, advogada, defensora poderosa e um conforto de mãe. Nunca deixe de recorrer a ela, pois ela nunca deixa de responder as preces dos fiéis e de seus preferidos: os sacerdotes que agem em nome de seu filho Jesus.

Encerro com coração de pai e pastor que se preocupa com cada um no desejo de amar e servir, estando sempre à disposição para ajudar e colaborar, assim como todos vocês colaboram com meu ministério.

Agradeço de coração a atenção, o acatamento e colaboração que tenho recebido de vocês no cumprimento de meu ministério. Como um pai de família estou feliz com vocês, pelo que são, pelo que realizam e pelo que estão dispostos a fazer, por amor a esta mesma família que é a nossa querida Igreja Particular de Santo André.

Faço minhas as palavras do Beato John H. Newman: “Que sede animosos, não retrocedais! Superai a prova! Qualquer tribulação que vos possa vir, já ao espírito, já ao corpo ou aos bens, de dentro ou de fora, casual ou voluntariamente, dos amigos ou dos inimigos, ainda que vos pareça terdes sido abandonados, não temais, filhos do Pai celestial. Comportai-vos como cristãos, e quando tudo tiver passado, descobrireis que o próprio Cristo vos espera: ‘E o vosso coração se alegrará, e ninguém vos tirará a vossa alegria’ (Jo 16,22)” (in *Parochial and Plains Sermons*, VI, 16,227-231; 24.V.1838).

Termino com uma palavra de ânimo e encorajamento: Deus mais que com vitórias fica contente com nossa luta constante para sermos fiéis: combate contínuo, amor constante!

Pedindo que orem por mim, *em nome de Jesus* quero abençoar todos.

A paz esteja com cada um de vocês!

+ Dom Pedro Carlos Cipollini
Bispo Diocesano de Santo André

Santo André, 24 de março de 2016
Quinta feira Santa,
Instituição da Eucaristia e do Sacerdócio ministerial